CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA DE MARGARET TAIT EM DIÁLOGO
com Peter Todd, Charlotte Wells, Ute Aurand, Roberto Rossellini, Luke Fowler
31 de outubro de 2026
MARGARET TAIT & LUKE FOWLER: REFLEXÕES

ON THE MOUNTAIN / 1973

um filme de MARGARET TAIT

Realização, direção de fotografia, montagem: Margaret Tait / Assistência: Alex Pirie / Produção: Ancona Films (Reino Unido, 1973) / Cópia: 16mm (Lux Films), cor, preto e branco, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / Duração: 35 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

BEING IN A PLACE: A PORTRAIT OF MARGARET TAIT / 2023

um filme de LUKE FOWLER

Realização, direção de fotografia, montagem: Luke Fowler / Imagem de arquivo: Margaret Tait / Câmara adicional: Peter Todd / Som: Lee Patterson, Luke Fowler, Sarah Neely, Louise Barrignton / Música original: Lionel Marchetti / Misturas: Ernst Karel / Intertítulos: Kristen Wilson, Peter Todd e Margaret Tait / Grafismos: Marcus Jack / Produção: independente, com The Modern Institute (Reino Unido, 2022) / Produtores: Luke Fowler, Sarah Neely / Assistente de produção: Louise Barrington / Laboratórios: Kodak, Dirk DeJonghe, R3store, Dan Redrup, Digital Orchard / Cópia: da Lux Films, DCP [16mm], cor, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / Duração: 60 minutos / Estreia mundial: 17 de fevereiro de 2023, Festival Internacional de Cinema de Berlim – Berlinale / Estreia portuguesa: 27 de abril de 2023, Festival IndieLisboa / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

FOR LUKE / 2012

um filme de PETER TODD

Realização, direção de fotografia, montagem: Peter Todd / Encomenda: Tate, para a exposição do The Turner Prize 2012 (dedicada a Luke Fowler); Tate Britain outubro de 2012 – janeiro de 2013 / Produção: Peter Todd (Reino Unido, 2012) / Cópia: da Lux Films, DCP [16mm], cor, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / Duração: 3 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Duração total da projeção: 98 minutos
Sessão com a presença de Peter Todd

On the Mountain é um dos mais conhecidos filmes de Margaret Tait, revelando-se como uma reflexão sobre o tempo, mesmo que mais explicitamente reflicta as mudanças da vida de uma cidade, e em concreto de Rose Street, em Edimburgo, na Escócia, cidade onde a cineasta viveu e onde instalou a sua produtora/atelier, a Ancona Films, quando regressou ao seu País Natal, depois de estudar cinema em Itália. O facto de o filme incluir no seu interior um “ready-made”, um outro filme anterior de Tait realizado cerca de vinte anos antes, que assim adquire a condição de arquivo, e que tem precisamente o título **Rose Street**, torna esta questão mais complexa. Sobre as imagens do filme a preto e branco (**Rose Street**) ouvimos uma criança a cantar a música *On the Mountain* seguida de outras músicas, que não percebemos imediatamente se pertencem a esse outro filme ou se foram adicionadas à posteriori na altura da sua convocação para **On the Mountain-filme**, o que cria alguma confusão.

Rose Street data de 1956 e, nesse outro filme dentro do filme com cerca de 15 minutos de duração, que se inscrevia no início da cronologia da obra cinematográfica de Tate, e que aqui é convocado na integralidade - incluindo pontas e autorização de exibição pela censura -, revela-se como era vivo e agitado o quotidiano da rua e da cidade. Nas imagens a preto e branco vemos muitas crianças a brincar nas ruas, pessoas a passar, as montras, o trabalho de um sapateiro, outras a ouvir uma história que lhes é contada à porta, que não é nada menos que a porta da produtora de Tait, a Ancona Films, que ficava no nº 91 de Rose Street. A mesma porta da Ancona Films que, neste intervalo de duas décadas, entre o "Then" and "Now", muda do 2º para o 1º andar, como menciona o cartão que nos faz regressar às imagens do presente. Assumidamente circular, **On the Mountain** termina com imagens negativas que nos remetem para um passado de passado, convocando as propriedades materiais do cinema, que aliás são directamente referenciadas na abertura de **Rose Street,** descrito no seu genérico como "a black & white film of a black-like street full of it's own sort of colour by ANCONA FILMS." E essas imagens negativas correspondem às primeiras imagens de **Rose Street**, filmadas quando Tait ainda era muito jovem, que aqui conhecem uma nova vida.

Being in a Place apropria-se de material não montado por Tait, assim como dos cadernos de notas da cineasta. A primeira pergunta que ouvimos no som em *off* é "Como começou a fazer filmes?". Vemos os seus primeiros cadernos e ouvimos as suas palavras enquanto descreve os anos de formação na escola em Roma, onde se cruzou com Roberto Rossellini e Ingrid Bergman, que mostraram **Stromboli** aos alunos. Ao mesmo tempo vemos *out takes* de **One is One** (1951), filme que realizou como estudante nessa altura, em que são mais evidentes as suas relações, como perceberemos pela sessão desta noite. Na secção "retratos" de **Being in a Place** ouvimos as palavras da cineasta enquanto esta refere como as crianças, com o seu olhar mais inocente ("early eyes", diz) aproximam-se de uma poesia do mundo. O olhar infantil, mas também as árvores e plantas conquistam assim neste filme, o mesmo papel de destaque que têm na poesia e no cinema de Tait, que partilham uma mesma sensibilidade face ao mundo natural.

Nas notas escritas à máquina filmadas em **Being in a Place** encontramos referência a um subtítulo: "Visions of Permanence and Ephemerality", numa alusão ao projeto nunca concretizado da realizadora, "Heartlandscape: Visions of Ephemerality and Permanence", de que parte Luke Fowler para este retrato/homenagem à sua amiga cineasta. Como não poderia deixar de ser, este é um filme impregnado pela presença das coisas e pela força dos lugares filmados por Tait, em que Orkney, o arquipélago em que viveu grande parte da sua vida tem um papel determinantes. As árvores, o jardim, com tantas plantas e flores diferentes, que ao longo dos anos tratou, fazendo o jardim parte do seu projecto artístico (aqui encontramos semelhanças com a artista portuguesa Lourdes Castro, cujo jardim (e casa) nos Açores há alguns meses estavam à beira de ser vendidos). Mas no cinema "vegetal" de Tait encontramos também semelhanças com o projecto cinematográfico de Rose Lowder, embora a cineasta escocesa seja mais livre e impressionista face às "estruturas fotogramáticas" dos "Bouquets" de Lowder. Como Tait diz no filme, "o cinema interessa-me sobretudo como um meio poético".

A sessão encerra com **For Luke**, pequeno filme de Peter Todd onde este recorre a imagens pré-existentes e filma o cineasta Luke Fowler, revelando-se uma relação em cadeia, em que os três - Tait, Fowler e Todd - partilham uma mesma visão poética do cinema, traduzindo o testemunho em *off* como se afastam de uma via documental para se centrar na poesia do mundo.

Joana Ascensão